

# ABUSO SEXUAL NA INFÂNCIA: O PAPEL DO PROFESSOR NA PROTEÇÃO DE CRIANÇAS CONTRA O ABUSO SEXUAL<sup>1</sup>

Janaina Machado<sup>2</sup>

## RESUMO

Há estimativas que indicam um aumento muito grande na última década do abuso sexual na infância. A maioria das pessoas sabe que este caso é freqüente e cada vez mais está aumentando, mas essas pessoas principalmente professores na maioria das vezes não conseguem identificar este problema. Diante disso, o objetivo desse trabalho é realizar uma análise da realidade do abuso sexual em crianças. Caracterizar por outro lado, o que o abuso sexual reflete no desenvolvimento educacional da criança em sala de aula, para que professores, perante esse conhecimento, sejam capazes de proteger e prevenir o abuso sexual em crianças. E enfocando o objetivo da revisão que tratarei sobre as questões voltadas as conseqüências cognitivas e emocionais de crianças que sofreram abuso sexual e questões referentes ao papel dos professores na proteção de crianças contra o abuso sexual.

**Palavras-chave:** Abuso Sexual Infantil; Professor; Criança.

## INTRODUÇÃO

*O abuso Sexual em crianças (ASC) é de natureza social, tendo em vista que é influenciado de maneira intensa pela cultura e pelo tempo histórico em que ocorre, o que dificulta estabelecer uma definição aceita universalmente. Além disso, a definição de abuso sexual e de criança varia nas diferentes culturas. (SANDERSON, 2005, p.1)*

Dados históricos indicam que, na Antiguidade, as crianças eram consideradas recipientes de veneno para os adultos colocarem seus maus sentimentos. Portanto, pelo fato de as crianças serem vistas como puras, elas tinham a capacidade de purificar o mal do adulto. E isso pode ser

---

<sup>1</sup> Parte de um projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido na modalidade de trabalho de conclusão de curso (TCC), apresentado como parte do processo avaliatório da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica III, ministrado pelo Prof. Dr. Hajime Tackeuchi Nozaki.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Pedagogia, Campus de Três Lagoas, Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

observado até hoje em alguns países africanos, em que a criança virgem é considerada como um antídoto para a AIDS. (SANDERSON, 2005).

Segundo Flech; Lorenzi; Pontalti (2001) o abuso sexual é toda situação em que a criança é utilizada para a satisfação sexual de um adulto, através de relações de poder que podem incluir desde carícias, manipulação de genitália, mama ou região anal, até o ato sexual com ou sem penetração, com ou sem violência.

No caso do Brasil, conforme estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Título I das Disposições preliminares, no Art. 2º “Considera-se criança para efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos [...]” (BRASIL, 1990, p.23). Ou seja, considera a infância da criança de zero a doze anos incompletos.

Não está claro na verdade o que vem a ser o abuso sexual em crianças. Isso ocorre basicamente porque, por sua própria natureza, o abuso sexual em crianças é coberto. Ou seja, acredita-se que apenas 10% dos casos são, na verdade, relatados ou chegam ao sistema judiciário criminal, o que significa que nosso conhecimento é extremamente limitado e fundamentado apenas naqueles casos denunciados. (SANDERSON, op.cit.). Na maioria das vezes, professores e pais não têm conhecimento sobre o que é abuso sexual, o que dificulta que a criança vítima seja ajudada e encaminhada para devidos procedimentos cabíveis.

*Acredita-se que uma em quatro garotas e um em seis garotos experimentam alguma forma de abuso sexual na infância. As garotas têm mais probabilidade de ser abusadas sexualmente por alguém da família; enquanto os garotos, por alguém de fora da família. (ibid., p. 18).*

Fica claro que a criança que tem mais probabilidade de ser abusada sexualmente é a criança do sexo feminino. Entra aí a questão de gênero, que a menina é delicada ou tem que fazer os deveres de casa, e fica na maioria das vezes dentro dela, o que facilita a intenção de alguém da família abusá-la sexualmente. E o menino pelo fato dele ser homem, o forte, e os pais não controlarem, facilita a intenção de pessoas fora do convívio familiar abusarem sexualmente dele.

O abuso sexual infantil é considerado, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como um dos maiores problemas de saúde pública. (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005). Portanto é de interesse de toda a sociedade que:

*[...] a inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente deve ser entendida como de ordem pública, de interesse coletivo: Estado e sociedade devem atuar preocupando-se com o sujeito da situação,*

*observando os limites estabelecidos pelos imperativos morais, imbuídos do senso de justiça. (BAPTISTA et al.. 2008, p. 603).*

Assim, é preciso que a sociedade, juntamente com as autoridades governamentais deva preocupar com a qualidade de vida da criança, tanto no aspecto moral, físico e psíquico.

De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2006, p.64):

*O abuso sexual é um assunto delicado e preocupante. Delicado, porque envolve crianças e adolescentes que são subjugados à força, seja ela moral ou física, e violadas num dos aspectos mais íntimos e profundos da vida humana, que é a sexualidade. E preocupante porque, por envolver tabus sociais como o incesto, sua ocorrência é freqüentemente mantida num silêncio absoluto, dificultando que a pessoa vítima do abuso seja ajudada.*

Sendo assim, a vítima do abuso sexual é impedida de ser ajudada porque, além do sigilo familiar, as pessoas e os profissionais que convivem com ela não sabem como identificar os sinais e sintomas de tal violência.

Há estimativas que indicam um aumento muito grande na última década do abuso sexual na infância. A maioria das pessoas sabe que este caso é freqüente e cada vez mais está aumentando, mas essas pessoas principalmente professores e pais na maioria das vezes não conseguem identificar este problema.

Segundo Brino e Willians (2003, p. 115) “A violência por abuso sexual é mais difícil de ser identificada por não apresentar na maioria dos casos, marcas físicas”. E se os profissionais principalmente professores envolvidos com crianças fosse possibilitado acesso à capacitação continuada, à identificação de vítimas possivelmente tornava-se mais fácil.

Portanto, fica claro que, se os professores fossem capacitados para melhor lidar com as crianças abusadas sexualmente em sala de aula, ou apenas como identificar sinais, possibilitaria que essa criança fosse ajudada e encaminhada para devidas precauções.

Brino e Williams (ibid.), caracterizaram as informações de vinte professores de educação infantil sobre o abuso sexual de crianças, em uma cidade de médio porte:

*A maioria das participantes (65%) disse já ter tido informações sobre casos de abuso sexual, sendo que 26,7% não quiseram especificar a procedência da vítima, ou seja, informar se o caso relatado envolvia criança de sua própria classe, de sua própria família, de vizinhos, de parentes etc., demonstrando, talvez, receio de fornecer essa informação. É possível que o receio esteja relacionado à ocorrência de abuso sexual dentro de sua própria casa, de algum parente ou amigo próximo, ou mesmo dentro da própria escola ou classe, e que a professora tenha tido medo de represálias ou de expor-se. (p. 120).*

Das participantes que souberam de casos, 20% relataram ter tido conhecimento de um fato envolvendo uma criança de sua própria sala de aula, portanto, as maiorias dos professores já tiveram que lidar diretamente com casos de abuso sexual na escola:

*[...] o que demonstra um certo despreparo e falta de informação a respeito do que um professor deve fazer ao identificar um caso de abuso sexual, podendo até, em certos casos, prejudicar a criança vitimada e/ou colocar a sua segurança em risco. (ibid., p.121-122).*

O problema seria a não formação dos educadores referente ao abuso sexual em crianças, e a falta de informação a respeito do que um professor deva fazer ao identificar um caso de abuso sexual em sua sala de aula:

*Dados da Polícia Civil - Secretaria da Justiça e da Segurança do Estado do Rio Grande do Sul - apontam que, em 2002, 1.400 crianças foram vítimas de violência; destas, 872 ou 62% foram vítimas de violência sexual. Em 2003, 1.763 foram vítimas de violência; destas, 1.166 ou 66,14% de violência sexual. De janeiro a julho de 2004, de 525 crianças vítimas de violência, 333 ou 63,43% estavam relacionadas à violência sexual. (PFEIFFER; SALVAGNI, op.cit., p.198).*

Porém, assim sendo, as incidências citadas acima justificam um aumento muito agravante de crianças abusadas sexualmente no decorrer do ano de 2002 ao ano de 2004 no Estado do Rio Grande do sul.

Além disso, há um outro problema, os professores na maioria das vezes não sabem identificar esses casos sobre abuso sexual ou então não têm formação específica nessa área. Esta pesquisa poderá servir como auxílio para educadores, assim como eu que ainda não tenho o conceito claro sobre abuso sexual na infância.

Diante disso, o objetivo desse trabalho é realizar uma análise da realidade do abuso sexual em crianças, enfocando as conseqüências cognitivas e emocionais de crianças que sofreram abuso sexual. Caracterizar por outro lado, o que o abuso sexual reflete no desenvolvimento educacional da criança em sala de aula, para que pais e professores, perante esse conhecimento, sejam capazes de proteger e prevenir o abuso sexual em crianças.

## **CONSEQÜÊNCIAS COGNITIVAS E EMOCIONAIS DE CRIANÇAS QUE SOFRERAM ABUSO SEXUAL**

Que o abuso sexual em crianças tem um impacto muito grande na vítima é algo inquestionável. O que também está claro é que o impacto não é apenas sexual, mas também emocional e psicológico. E esse é particularmente o caso quando houve o abuso sexual dentro da família. Muitas crianças sentem-se incapazes de confiar em si mesma, quanto mais em outras pessoas. (SANDERSON, op.cit.).

*Essa confusão pode ter grandes efeitos danosos sobre a criança tanto a curto quanto a longo prazo. Dúvida e incerteza, medo e embaraço, culpa e vergonha são coisas que impedem a criança de ir em busca daqueles que poderiam protegê-la. (...) A solidão e o isolamento reforçam o terror, tornando-a mais dependente do abusador. A criança se sente em uma armadilha sem escapatória, condenada a suportar o [Abuso Sexual em Crianças] ASC até ser grande o suficiente para escapar. (p. 170).*

Seguindo uma linha de raciocínio sobre as conseqüências cognitivas e emocionais de crianças que sofreram abuso sexual, Borges (2007), apóia-se em vários autores que tratam a respeito sobre as conseqüências cognitivas e emocionais.

*Pesquisas apontam uma variedade de conseqüências emocionais, comportamentais, sociais e cognitivas associadas à ocorrência de [Abuso Sexual Infantil] ASI (Briere & Elliot, 2003; Kendall-Tackett, Williams, & Finkellor, 1993; Tyler, 2002). Crianças vítimas de ASI podem apresentar sentimentos de culpa, dificuldade em confiar no outro, comportamento hipersexualizado, medos, pesadelos, isolamento, sentimentos de desamparo e ódio, fugas de casa, baixa auto-estima, sintomas somáticos, agressividade, entre outros sintomas (Amazarray & Koller, 1998; Kendall-Tackett et al.; Nurcombe, 2000; Tyler). Transtornos psicológicos, como Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT), Depressão, Ansiedade, Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), transtorno de Conduta, Transtorno de Abuso de Substâncias têm sido associados à ocorrência de abuso sexual na infância (Ackerman et al., 1998; Lynskey & Fergusson, 1997; MacMillan et al., 2001; Paolucci, Genuis, & Violato, 2001). (p. 13-14)*

São várias as conseqüências que o abuso sexual pode trazer para a criança, dentre eles um trauma que vai carregar para o resto de sua vida.

Para Berliner (1995 apud PFEIFFER; SALVAGNI, 2005), os efeitos psicológicos do abuso sexual podem ser devastadores e os problemas decorrentes do abuso sexual persistem na vida adulta dessas crianças.

*É um fenômeno universal que atinge todas as idades, classes sociais, etnias, religiões e culturas e pode ser considerado como qualquer ato ou conduta*

*baseado no gênero, que cause dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à vítima e, em extremos, a morte. (PHEIFFER; SALVAGNI, op.cit., p. S198).*

Não é possível esconder o abuso sexual em crianças, que este grave problema está acontecendo em todo mundo com muita frequência, e que a maior vítima é uma pessoa indefesa, que na maioria das vezes, não têm noção desse grave problema. E que este problema está acabando com a felicidade das crianças, reprimindo-a, levando-lhe traumas para toda sua vida.

Furniss (1993) e Knustson (1995 apud AMAZARRAY; KOLLER, 1998), citam alguns fatores que influenciam o dano psicológico causado pelo abuso sexual: A duração do abuso sugere que uma maior duração produz conseqüências mais negativas; com relação à diferença de idade entre a pessoa que cometeu o abuso e a vítima, quanto maior for a diferença, mais grave são as conseqüência e quando há uma ausência de figuras parentais protetoras e de apoio social, o dano psicológico é agravado.

Browne e Finkelhor (1986 apud *ibid.*), fizeram uma pesquisa sobre os efeitos do abuso sexual em meninas e as principais reações das vítimas são: medo, depressão, raiva, ansiedade, comportamento sexual inapropriado. E as mulheres adultas, sexualmente abusadas na infância, apresentam depressão, baixa auto-estima, tendência à revitimação e abuso de substância.

Sanderson (1995 apud SANDERSON, *op.cit.*), os abusadores relataram que abusaram sexualmente de crianças com menos de três anos de idade por não apresentarem um entendimento cognitivo.

*[...] elas são muito pequenas para entender [...] elas são muito pequenas para lembrar [...] elas são muito pequenas e ingênuas, e, dessa forma, não reconhecem que esse é um comportamento inapropriado [...] elas podem ser manipuladas para acreditar que esse é um relacionamento muito “especial” e a atividade sexual é normal. (p. 172).*

Segundo os relatos dos abusadores, não é porque as crianças são pequenas que não vão sofrer um trauma psicológico, é nesta fase que começam alguns transtornos difundidos nas crianças.

Para Sanderson (*ibid.*), o impacto do relacionamento entre a criança e o abusador não é claro. Mas quanto mais próximo for a relação da criança com o abusador, mais a criança se sentirá traída.

Finalizando os efeitos da revelação são variados. Para muitas crianças, é extremamente difícil revelar o abuso sexual, principalmente se forem pequenas para expressar sua experiência

verbalmente ou por não serem capazes de classificá-lo como abuso sexual. Também podem pensar que as pessoas não acreditarão nelas, ou acharem que são culpadas. Quando o abusador o ameaça, ela se sentirá mais aterrorizada ao pensar em revelar o abuso, por medo das conseqüências. (ibid.).

## **O PAPEL DOS PROFESSORES NA PROTEÇÃO DE CRIANÇAS CONTRA O ABUSO**

O professor tem um papel primordial na educação das crianças, pois na maioria das vezes passam mais tempo com as crianças do que qualquer outra pessoa.

*Em média, os professores passam mais tempo com crianças do que quaisquer outros adultos, até mesmo os pais. Isso os coloca em uma posição única para conhecer a criança e acompanhar suas mudanças de comportamento. Se tiverem um conhecimento correto sobre o [Abuso Sexual em Crianças] ASC, eles poderão ser essenciais para a identificação de crianças que eventualmente estejam sofrendo o abuso, proporcionando-lhes um ambiente seguro no qual a criança tenha condições de revelá-lo. Além disso, escolas e professores podem desempenhar um papel central na educação de crianças a respeito dos perigos do [Abuso Sexual em Crianças] ASC e de como podem se proteger da melhor forma. (ibid., p. 280).*

Por esta razão, é fundamental que os profissionais que têm contato diário e próximo com crianças estejam atentos para este grave problema social e possam trabalhar no sentido de preveni-lo e identificá-lo e, também caso haja alguma suspeita saibam orientá-las. (BRASIL, 2006).

E quando o abuso sexual em crianças é identificado e não denunciado. O artigo 245 do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) estabelece que:

*Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra crianças ou adolescente: Pena - multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência. (BRASIL, 1990, p.70)*

Quando a criança é abusada sexualmente, o artigo 130 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), define que: “Verificada a hipótese de maus tratos, opressão ou abuso sexual impostos pelos pais ou responsável, a autoridade judiciária poderá determinar, como medida cautelar, o afastamento do agressor da moradia”. (ibid., p. 47).

Ou seja, para o caso de abuso sexual cujo agressor é o próprio pai, o procedimento que ocorre é o seu afastamento da casa, ou a criança vitimada é levada para fora de sua moradia em algum lugar de proteção. Assim, depois do fato ocorrido entre vítima e agressor, nenhum dos dois é mantido no mesmo lar.

Brino e Williams (op.cit.), em sua pesquisa com vinte professores de educação infantil no que se refere a procedimentos e ações perante um abuso sexual, apontaram que 95% das participantes disseram que tomariam algum tipo de atitude. E dentro da que afirmaram que fariam algo perante o abuso sexual, apenas quatro, ou seja, 21% do total tomariam atitudes que envolveriam a denúncia do caso. As outras quinze professoras no total de 79% tomariam uma outra atitude que não a denúncia.

Na visão de Sanderson (op.cit) a respeito do abuso sexual na formação de professores:

*[...] é fundamentalmente importante que todos os professores sejam treinados de maneira adequada quanto a um entendimento do ASC [...] Só tendo um adequado entendimento da criança sexualmente abusada é que professores podem ter esperanças de identificar as crianças que correm risco ou as que estão sendo abusadas. (p. 281).*

Os professores têm um papel muito importante em relação ao abuso sexual e mais chances de conhecer melhor essas crianças e serem os primeiros a notar mudanças de comportamento referente a tal processo.

Na maioria dos casos são diversos os comportamentos das crianças. Na visão de Sanderson (ibid.), a falta de concentração é mais evidente na sala de aula:

*Uma criança que está sempre preocupada, com medo, terror, confusão ou antecipa o próximo acesso sexual não vai conseguir prestar atenção no que se espera que aprenda na escola. Essas crianças se comportam como se estivessem em um mundo de sonho e parecem aéreas na classe, quase rudes em suas respostas. (p. 220).*

Fica claro que o abuso sexual além de trazer vários problemas emocionais, psicológicos, etc., traz também um enorme problema na vida escolar dessa criança, impossibilitando seu rendimento escolar.

Na perspectiva de Sanderson (ibid.), para as crianças vítimas do abuso sexual, pode ser muito difícil de aprender qualquer coisa na escola, e ter um desempenho insuficiente na escola. O

baixo nível de desempenho educacional é frequentemente confundido com dificuldades de aprendizagem.

*Por outro, algumas crianças podem se sobressair na escola, pelo fato de ser esse o único lugar seguro para elas. Essas crianças sempre chegam cedo e são as últimas a sair, já que a escola é como um refúgio do abuso sexual que ela vivencia fora dali. A criança pode evitar voltar para casa se isso estiver associado a ser sexualmente abusada. (ibid., p. 220-221).*

E, na perspectiva de Filkelhor; Kendall-Tackett; Williams (1993 apud AMAZARRAY; KOLLER, op. cit), o comportamento sexual inadequado inclui brinquedo sexualizado com bonecas, masturbação excessiva e em público, comportamento sedutor, e conhecimento sexual inapropriado para a idade.

São vários os comportamentos de crianças abusadas sexualmente em sala de aula, dentre elas a revisão da literatura proporcionou algumas informações referentes ao abuso sexual.

Mas na visão de Sanderson (op.cit), o conhecimento sobre o abuso sexual em crianças é essencial para que professores possam aumentar seu entendimento. Só quando estiverem munidos de conhecimento e conscientização, que os professores poderão se sentir preparados para proteger a criança: “É inegável que, para proteger as crianças, os pais e os professores necessitam ter acesso a informações corretas que separem os fatos da ficção sobre a natureza do [Abuso Sexual em Crianças] ASC”. (p.252).

Para manter as crianças seguras e protegê-las, é de extrema importância que, professores invistam em conhecimento e lhes proporcionem um relacionamento aberto e de confiança, a fim de que possam se comunicar de maneira eficiente. (ibid.).

Sanderson (ibid.) afirma que para garantir a segurança da criança, vários fatores devem ser considerados:

*Primeiro, pais e professores precisam ser muito cautelosos quando confiarem a criança aos cuidados de um outro adulto, não importa quão “conhecido” ele seja, especialmente se isso inclui contato não supervisionado. Segundo, pais e professores precisam proporcionar à criança orientação sobre como poderá estar segura na comunidade e atenta a potenciais perigos. Terceiro, é importante proporcionar o ambiente correto no qual a criança possa conversar sobre quaisquer interesse ou dúvida que venha a ter. (p. 262).*

Porém, pais e professores precisam estar conscientes de que podem ensinar, de várias maneiras, as crianças sobre o perigo do abuso sexual em crianças e do aliciamento, sem descrever

detalhes sexuais. Embora tais orientações não garantam que essas crianças nunca correrão risco, mas asseguram que crianças tenham acesso ao conhecimento e às informações que podem minimizar os riscos. (ibid.).

Para finalizar essa revisão, ressalta-se a importância do entendimento sobre o abuso sexual, na perspectiva de como identificar casos de abuso sexual em sala de aula, e o entendimento de professores perante o conhecimento sobre o abuso sexual.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAZARRAY, Mayte Raya; KOLLER, Silvia Helena. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. **Psicologia, Reflexão e Crítica**. [online]. vol.11, n.3, pp. 559-578. 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010279721998000300014&lng=pt&nrn=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279721998000300014&lng=pt&nrn=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 16 de jun. 2009.

BORGES, Jeane Lessinger. **Abuso sexual infantil: consequências cognitivas e emocionais**. Dissertação (Instituto de Psicologia)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10807/000601985.pdf?sequence=1>> Acesso em: 21 jun. 2009.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). **Estatuto da criança e do adolescente: disposições constitucionais pertinentes: lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. – 6. ed. – Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2005.**  
\_\_\_\_\_, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Saúde e prevenção nas escolas: guia para a formação de profissionais de saúde e de educação / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.**

BRINO, Rachel de Faria e WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Concepções da professora acerca do abuso sexual infantil. **Cadernos de Pesquisa**. [on-line]. n.119, p. 113-128. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n119/n119a06.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2009.

FLECH, Rosane Maria; LORENZI, Dino Roberto Soares De; PONTALTI, Loiva. Maus tratos na infância e adolescência: Análise de 100 casos. Artigo, **Revista de Ciências Médicas de Caxias do Sul**. Caxias do Sul - Vol. 10 - nº 1, p. 1-6. 1º Semestre – 2001. Disponível em: <[http://www.amecs.com.br/arquivos/revista/vol10\\_n1/arti\\_orig\\_7.pdf](http://www.amecs.com.br/arquivos/revista/vol10_n1/arti_orig_7.pdf)> Acesso em: 04 abr. 2009.

PFEIFFER, Luci; SALVAGNI, Edila Pizzato. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **Jornal de Pediatria**. Porto alegre. - Vol. 81, Nº5(supl), p.197-204. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/jped/v81n5s0/v81n5Sa10.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2009.

SANDERSON, Christiane. **Abuso Sexual em Crianças**. São Paulo: M.Books do Brasil, 2005.